

Argentina teme o pior

BUENOS AIRES - O impacto da desvalorização do real continua sendo a principal preocupação do governo argentino. O presidente Carlos Menem, em uma mensagem aos investidores, reiterou que a Argentina não vai desvalorizar o peso, nem alterar o sistema de conversibilidade que mantém fixa a paridade cambial com o dólar desde 1991.

A Bolsa de Comércio de Buenos Aires, no entanto, continuou operando no mesmo compasso que o mercado paulista. Com um volume de 49 milhões de pesos (igual valor em dólares), o mercado portenho registrou uma baixa de 4,3% - na quarta-feira, tinha caído 10% -, com apenas sete ações em alta, 37 em baixa e três papéis sem alterações nas cotações.

O presidente da bolsa portenha, Eugenio de Bary, pediu tranquilidade aos mercados e disse acreditar que o Brasil poderá superar a crise. "Os mercados às vezes não são um reflexo da economia de um país. A Argentina está bem e segue sólida", afirmou Bary.

Sem competitividade - Enquanto isso, os exportadores argentinos, que têm o Brasil como destino de quase 30% de suas vendas, consideram líquido e certo que a desvalorização do real trará uma perda de competitividade de seus produtos. O titular da União Industrial Argentina, Alberto Alvarez Gaiani, pediu audiências ao presi-

dente Menem, ao chefe de Gabinete, Jorge Rodriguez, e ao ministro da Economia, Roque Fernández, para solicitar medidas de emergência.

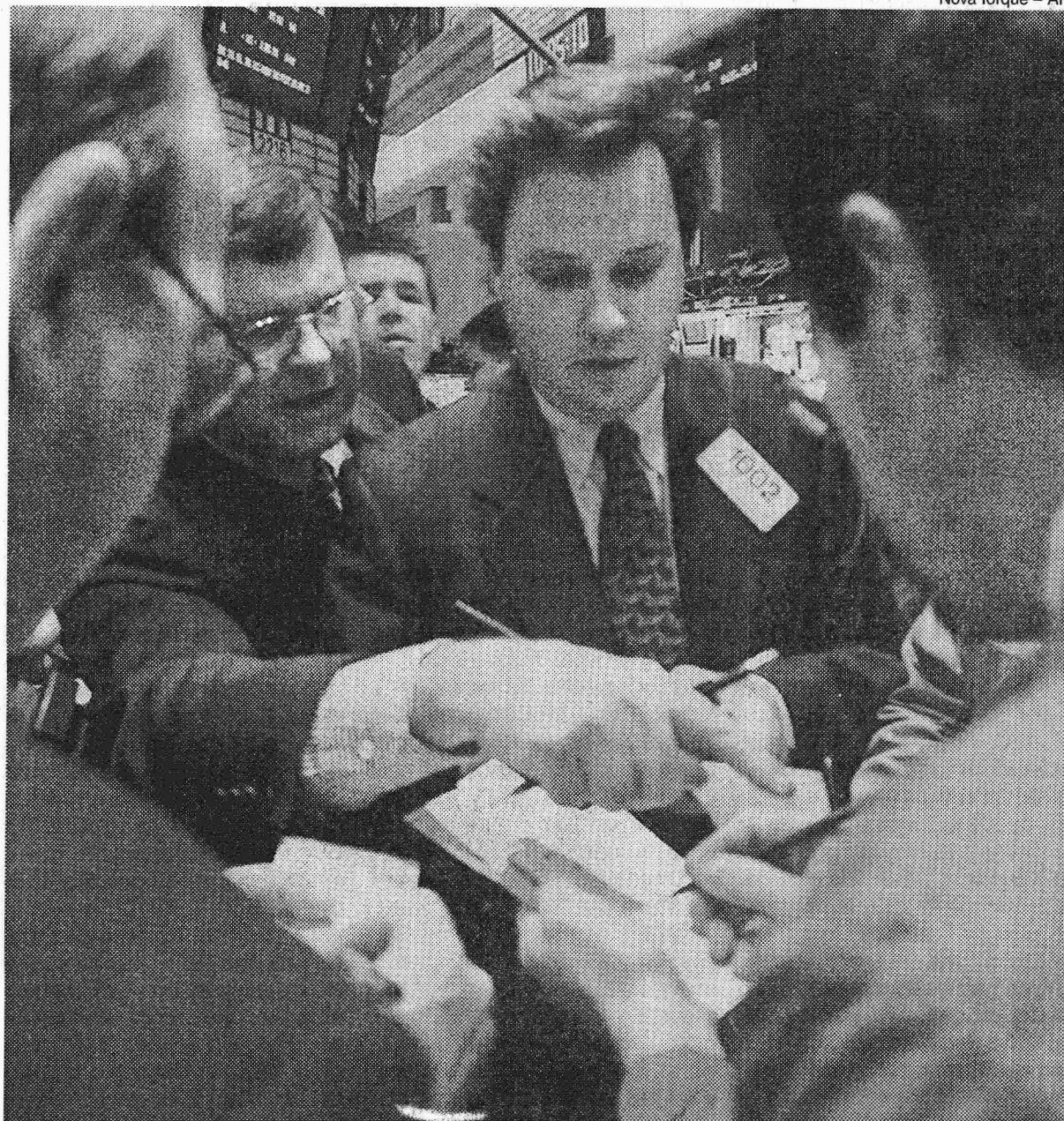
Cosme Smiraglia, diretor da Câmara de Exportadores, por sua vez, declarou que "na medida em que a desvalorização não seja repassada aos preços internos do mercado brasileiro, seu impacto será negativo para as exportações argentinas".

Automóveis - Um dos setores mais afetados pela desvalorização do real foi o automotor. Rodolfo Ceretti, diretor de Relações Institucionais da Ford Motor Argentina, afirmou que "até que o Brasil absorva os custos da desvalorização, nossos produtos estarão relativamente mais caros em dólar, e as exportações de automóveis para esse mercado poderão ficar limitadas".

Os fabricantes de máquinas também estão preocupados e temem a retração do complexo automotor (terminais e autopeças). De todo modo, as exportações de máquinas para o Brasil estão afetadas há muito tempo, devido à queda da demanda e à suspensão de certos investimentos.

Juan Carlos Lascrain, presidente da Associação de Industriais Metalúrgicos, disse que "a desvalorização complicou a situação".

"Temos que nos preparar para um período de recessão", afirmou. (G.N.)



Operadores negociam ações da Motorola: empresa perdeu US\$ 15 milhões com desvalorização no Brasil